

GARRETT DE PASSAGEM POR SÃO MIGUEL

marcas e viagens do romantismo ilhéu*

por
Carlos Guilherme Riley**

Introdução

Perante tão eminentes especialistas dos estudos garrettianos, dita-me o bom senso que não fale muito de Almeida Garrett. Mas, por outro lado, manda a boa educação que não ignore aquele que hoje aqui homenageamos. Face a este dilema resolvi falar da sua passagem pela ilha de S. Miguel que, como é sabido, foi breve e poucas páginas ocupa nas biografias que lhe são dedicadas, para depois me deter com mais vagar sobre algumas manifestações locais dessa cultura romântica de que o autor das *Viagens* é o porta-estandarte nacional. Assim, desde já me confesso culpado de, a pretexto de Garrett, ir dedicar grande parte desta comunicação a textos que não os dele e a figuras que não a sua, as quais passo de imediato a apresentar:

* Texto de uma comunicação apresentada às *Comemorações Garretianas*, realizadas por ocasião do bicentenário do seu nascimento, Ponta Delgada (Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores – Instituto Cultural de Ponta Delgada), 3 e 4 de Novembro 1999. Queria deixar aqui um público agradecimento ao Prof. Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires, pelo convite que me endereçou para participar nesta iniciativa e à Dr^a Mary T. Silvia Vermette, pela prontidão e generosidade com que me enviou a cópia de uma fotografia (adiante reproduzida) que em muito enriquece a publicação deste trabalho.

** Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

Francisco Manuel Raposo de Almeida (1817-1886)- um filho de Rabo de Peixe que dizem ter sido protegido pelo poeta das *Folhas Caídas* em Lisboa, onde desenvolveu, de 1840 em diante, uma interessante colaboração nas páginas do jornal literário *O Mosaico* e que a partir de finais de 1846 leva uma vida de autêntico saltimbanco intelectual no Brasil, onde virá a morrer votado ao mais completo esquecimento na sua ilha natal.

Bernardino José de Sena Freitas (1812-1872) - forasteiro nascido em terras do antigo Brasil imperial cuja passagem por Ponta Delgada ficou assinalada pelo nascimento do seu filho, o famoso polemista Padre José Joaquim de Sena Freitas, e pela luxuosa edição de um trabalho que então aqui redigiu sob o título de *Uma viagem ao valle das Furnas*, saído dos prelos da Imprensa Nacional em 1845 e também do bolso do Barão das Laranjeiras, ao qual, aliás, a obra é inevitavelmente dedicada.

José de Torres (1827-1875) - para a audiência, talvez o mais familiar dos nomes até agora referidos, singrou ainda bastante novo desta ilha em direcção a Lisboa nos inícios do romantismo, mas não sem antes aqui deixar escrito um interessante livro, as *Viagens no interior da ilha de S. Miguel*, impresso na Tipografia de Castilho, em Ponta Delgada, no ano de 1849 e que, dado tratar-se de uma obra de juventude sem grande brilho literário, parece ter passado despercebida à maioria das pessoas.

Feitas as apresentações, resta explicar aquilo que os une ao nosso homenageado, ou melhor, de que modo a obra de Garrett se repercute difusamente nos textos e autores acabados de mencionar, não tanto ao nível das influências estilístico-formais, mas antes no plano doutrinário das propostas românticas que lhes estão subjacentes. Almeida Garrett soube criar, a partir da *Literatura e pela Literatura*, uma pedagogia da nacionalidade que, de parceria com o contributo mais erudito e historicizante de Herculano, convidava à (re)descoberta da *terra* nas suas origens, belezas patrimoniais e tradições populares. Estavam reunidas as condições para que, um pouco por todo o lado, começassem a surgir as réplicas locais dessa nova forma de relacionamento que se estabelece entre o escritor, o povo e a terra pátria, a qual constituiu o mais proeminente pilar romântico da construção intelectual da *Nação*.

Levantar na consciência colectiva o edifício nacional a partir das suas raízes populares passava pelo estudo das partes que o compunham e, neste

sentido, a doutrina garrettiana irá cruzar-se com o organicismo municipalista de Herculano, consolidando definitivamente um discurso romântico em que o *amor da pátria*, tornado imperativo cultural de cidadania, se traduz no aparecimento (citando Augusto Santos Silva) de "uma nova fileira de conhecimentos - os estudos locais e regionais -, (de) um novo perfil técnico ou intelectual - o erudito ou estudioso local - e (de) uma nova legitimação e racionalização da pesquisa sobre o País - o bairrismo ou "amor da terra" própria"¹. É no quadro histórico e cultural da emergência deste discurso no oitocentismo português, particularmente a partir da década de 1840 e sob o signo de Garrett, que se situam os textos aqui analisados de Raposo de Almeida, Sena Freitas e José de Torres, muito embora neles raras vezes sejam feitas quaisquer referências explícitas ao seu modelo inspirador. De qualquer forma, aquilo que me interessa vincar - e com isto termino estas palavras introdutórias - é que os sulcos aqui deixados por Almeida Garrett se encontram mais perenemente materializados nestes testemunhos literários, do que na lápide comemorativa que assinala na Rua dos Mercadores, em Ponta Delgada, a sua passagem por esta ilha como voluntário do exército libertador de D. Pedro IV².

1. Comemorar Garrett nos Açores

As comemorações centenárias, não importa de quem ou do quê, têm uma história própria que merece ser lembrada, sobretudo aqui e a propósito de Almeida Garrett que foi, no quadro do oitocentismo português, um dos primeiros impulsionadores do culto dos "grandes homens" associado à ideia da criação do moderno Panteão nacional. Entendido como ritualização cívica de uma hagiografia laica que constitui o suporte simbólico da nova memória liberal e republicana, o comemorativismo em Portugal é uma construção ideológica dos intelectuais do último quartel do século XIX, designadamente Teófilo Braga que o teorizou na sua obra *Os Centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*³, publi-

¹ Cf. Augusto Santos Silva, "Os lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX português", in *Palavras para um País: estudos incompletos sobre o século XIX português*, Oeiras, Celta Editora, 1997, p. 132 [cap. 7; 131-151].

² Cf. Francisco Carreiro da Costa, *Almeida Garrett na ilha de São Miguel. Evocação histórica e sentimental*, Ponta Delgada, Ed. da Câmara Municipal, 1954 (19 pp.; il.)

³ Porto, Typ. de A.J. Silva Teixeira, 1884.

cada quatro anos depois desse grande sobressalto cívico nacional que caracterizou as comemorações camonianas de 1880.

E, por falar em Camões, cabe aqui recordar que foram homens da primeira geração romântica, como Castilho e Garrett, os principais mentores da *panteonização* do épico português como símbolo consensual da *nação*. Aliás, o autor das *Viagens* chegou mesmo a sugerir que a Igreja de Santa Maria de Belém se transformasse na "nossa Westminster", como efectivamente veio a acontecer mais tarde, em 1880, quando para lá foram trasladados os restos mortais de Luis de Camões e de Vasco da Gama, cerimónia que assinalou a consagração do Mosteiro dos Jerónimos como Panteão Nacional, o qual daí em diante irá acolher as ossadas de outros ilustres escritores, como Alexandre Herculano (1888) e Garrett (1903) que, assim, acabou por ser *panteonizado* na sua própria "ideia". Efectivamente, é ele quem se encontra por detrás da legislação do Governo de Passos Manuel que, em Setembro de 1836, decreta a fundação do Panteão (inicialmente previsto para a Igreja de S. Vicente de Fora) com as seguintes palavras preambulares: "A Nação Portuguesa tem sido notada como ingrata para com os seus melhores cidadãos (...) Os estranhos não cansam de nos lançar em rosto o pouco apreço que fazemos do Príncipe dos nossos Poetas"⁴. O projecto do Panteão, desde logo concebido à medida da consagração de Camões, remonta, portanto, a finais da década de 30 e foi desenhado pela primeira geração romântica que, assim, não só abriu caminho para o culto comemorativista dos grandes homens, como contribuiu para aquilo que Fernando Catroga designou, e bem, de "sacralização cívica da Literatura"⁵, cujo impacto social foi testado amplamente pelo oitocentismo finissecular português que transformará aliás, sob a batuta de Teófilo Braga, as celebrações centenárias em poderosos instrumentos cívicos de "republicanização da monarquia". O preito de homenagem dos republicanos ao legado da geração romântica que, no quadro do novo regime constitucional, é considerada como a dos pais *fundadores* da Nação, está bem patente nas palavras de Teófilo em prol da trasladação de Garrett para os Jerónimos, publicadas no *Conimbricense* em 1900: "(...) o século que passou sobre o seu nascimento proclama-lhe a supre-

⁴ *Diário do Governo*, nº 239, 28/9/1836, p. 1009. *Apud* Fernando Catroga, in Luis Reis Torgal *et alli*, *História da História de Portugal, séculos XIX-XX*, vol. II, *Da historiografia à memória histórica*, s.l., Temas e Debates, 1998, p. 352.

⁵ Cf. *supra*, pp. 339-348.

macia entre a geração que valeu mais do que isto que se vê. É da honra e dignidade de nós todos que a ossada de Garrett saia do esconderijo em que está esquecida para o Pantheon de Belém, que é também uma criação da sua iniciativa. O parlamento que isto decretar será sempre lembrado"⁶.

Um século passado sobre estas palavras de Teófilo, longe vão os tempos de militância cívica em que as comemorações transvasavam dos saraus literários e sessões académicas, saindo à rua em manifestações públicas de carácter processional que, no sentido mais literal do termo (como podemos observar neste interessante *cliché* captado na cidade da Horta), traduzem a sacralização do escritor como símbolo incontestado da comunidade nacional.



Horta, Faial, 1903. Fotografia de José Goulart. Col. Particular⁷

⁶ Teófilo Braga, "Garrett e o Pantheon", in *O Conimbricense*, nº5454, 20 de Fevereiro de 1900.

⁷ Tive a oportunidade de descobrir esta fotografia no âmbito de uma Exposição em New Bedford, Massachussets (Old Dartmouth Historical Society – New Bedford Whaling Museum, October 11 1996 – March 31 1997), sobre o interessantíssimo acervo fotográfico dos irmãos

As ilhas dos Açores, às quais o autor do Romanceiro deixou o nome indelevelmente ligado, celebraram o 1º centenário do seu nascimento com o entusiasmo devido a um (quase que) filho da terra, e, a avaliar pelo documento fotográfico que fixou em banho de prata tão eloquente momento de homenagem, muitas outras manifestações do mesmo tipo teriam ocorrido no arquipélago, sobretudo nas ilhas Terceira e Graciosa onde o jovem João Baptista havia passado os anos da puerícia.

Seria fastidioso (ou, em si mesmo, matéria para outra palestra) elencar aqui as numerosas iniciativas levadas a cabo nos Açores aquando das comemorações de 1899, as quais são de resto amplamente noticiadas nos jornais das diferentes ilhas. Na cidade de Ponta Delgada, onde Garrett estacionara cerca de dois meses a caminho do histórico desembarque nas praias do Mindelo, o ponto mais alto da homenagem foi uma concorrida festa no Teatro Micaelense, onde o autonomista Montalverne de Sequeira, fazendo jus aos seus dotes de oratória, discursou do camarote sobre a obra do homenageado, vincando muito particularmente os episódios políticos, literários e até amorosos da vida do "Camões do século 19" que o ligavam à ilha de S. Miguel⁸. A apropriação e valorização daquilo que Garrett fez e não fez enquanto aqui esteve em casa de um amigo de seu pai, Pedro Joyce, marcou o tom da maioria das homenagens que lhe foram prestadas em Ponta Delgada, tanto no limiar do século passado como em 1954. Assim, os investigadores locais, muito particularmente Francisco Maria Supico⁹ e o Padre Ernesto Ferreira¹⁰, escavaram os vestígios *arqueológi-*

Manuel e José Goulart, a qual mais tarde se deslocou aos Açores, onde esteve patente no Museu Carlos Machado em Ponta Delgada. Infelizmente, este notável documento não se encontra reproduzido no (de resto, excelente) catálogo da Exposição (*Dois irmãos Goulart. Fotografia em New Bedford e nos Açores*, New Bedford, 1996). Presumo que o original ainda hoje se encontre na Horta, na posse de Augusto Goulart Sequeira, neto do fotógrafo José Goulart.

⁸ Cf. *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, A.29, nº 2.363-64, 6 e 7 Fevereiro 1899; *A Actualidade*, Ponta Delgada, nº 70, 5 de Fevereiro 1899.

⁹ Francisco Maria Supico, farmacêutico jornalista e polígrafo que, embora nascido na Lousã, se estabeleceu em Ponta Delgada a partir de 1852, apresenta a particularidade de ter dedicado a Garrett pequenas homenagens tanto por ocasião da sua morte (Cf. *A Revista Açoriana*, Ponta Delgada, A.III, nº 4, 22 de Janeiro 1855) como, décadas passadas, na celebração do 1º centenário do seu nascimento (Cf. *Nova Alvorada*, Vila Nova de Famalicão, A. 6 (1899), pp. 178-79).

¹⁰ Vd. *Os três Patriarcas do Romantismo nos Açores*, Ponta Delgada, 2ª ed., Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994, pp. 33-79.

cos da presença de Garrett nesta cidade e, embora sem terem topado com qualquer tesouro de Pompeia, trouxeram à luz do dia os seguintes "achados": a identidade da senhora de uns lindos olhos negros a quem o poeta dedicou o *Ramo de Cypreste*, Ana Leite de Teive, filha do Morgado José Leite em cuja quinta Garrett escreveu a *Noite de São João* coleccionada no *Romanceiro* e, por outro lado, a composição do agregado familiar dos Joyce e a sua casa na concorrida Rua dos Mercadores, onde o escritor/soldado liberal tinha assentado arraiais em Ponta Delgada.

Efectivamente, Garrett pouco poetou por aqui, ocupado como estava a coadjuvar Mouzinho da Silveira na redacção dos decretos da Regência que iriam moldar o Portugal moderno e liberal, trabalho intenso e fatigante de que ele próprio se reclama em grande parte autor. Enganam-se, portanto, aqueles que dizem não ter Garrett escrito quase nada em Ponta Delgada. Escreveu, e muito. As reformas de Mouzinho da Silveira não serão obras literárias, mas foram textos indubitavelmente decisivos, como o foi a expedição militar à qual D. Pedro IV, bem perto do sítio em que nos encontramos, passou uma última revista antes de partir para o desembarque do Mindelo. O significado simbólico deste local, que a breve trecho virá a integrar o *campus* da Universidade em Ponta Delgada¹¹, não passou então despercebido ao Regente pois ele próprio recomendará à Câmara da urbe micaelense que nesse campo (do Relvão) venha a ser aberta, em memória do exército libertador, a Alameda do Duque de Bragança¹².

¹¹ Por integração, entenda-se usufruto privilegiado desse espaço público, dada a estreita contiguidade existente entre o Relvão e os dois novos imóveis do *campus* universitário (o Complexo Científico e o Complexo de Anfiteatros). Era pelo menos esse o espírito que, em 1998, presidia ao grupo de trabalho conjunto Câmara Municipal de Ponta Delgada/Universidade dos Açores na preparação do Programa Preliminar do Projecto de reabilitação paisagística da Alameda Duque de Bragança.

¹² Por Portaria do Ministério do Reino, datada de 2 de Janeiro de 1833, D. Pedro IV expressa de forma bem clara o seu propósito memorialista, mas também urbanístico, de deixar marcada na cidade a passagem do Exército Libertador. Sucessivas gerações de autarcas e cidadãos micaelenses foram procurando cumprir ao longo do século XIX, *tant bien que mal*, o desígnio do monarca, mas não se pode dizer que os resultados visíveis sejam hoje muito expressivos. O ponto alto da qualificação e arranjo urbanístico da Alameda foi, em 1901, a cidade efémera que aí se ergueu (com comboio e tudo) a pretexto da Exposição das Artes, Comércio e Indústria, inaugurada por D. Carlos e D. Amélia aquando da visita régia aos Açores. Aristides da Mota, o promotor da Exposição, acabou contudo por ver frustrado o seu projecto de ver descerrada uma estátua de D. Pedro IV pela mão do seu bisneto, D. Carlos de Bragança. Compreensivelmente, duran-

Espero que não caia em despropósito esta evocação dos bravos do Mindelo, até porque um deles, o nº 72 do Batalhão Académico, era precisamente Almeida Garrett que, enquanto soldado raso, escritor exilado ou tribuno parlamentar, sempre vestiu armas pela liberdade. Como também ninguém levará a mal, por falar em liberdade e batalhões académicos, que lembre aos estudantes desta Universidade e também àqueles que estão sempre no afã de construir uma *história imediata* na qual inscrevam seu nome, que no Portugal do século passado também houve outro 25 de Abril e que os militares de então, com o timbre romanticamente quixotesco dos exércitos reunidos à pressa, partiram daqui mesmo ao lado para a viragem definitiva de uma página - já velha mas ainda contemporânea - da nossa História. Hoje, neste local e em contexto comemorativo tão diverso do de há cem anos atrás, olho para Garrett e Herculano, bem como para tantos outros patriarcas do liberalismo português que bateram passo no Relvão, e vejo-os como *avós fundadores* de uma Nação cuja modernidade temos dificuldade em aceitar poder ser assim já tão antiga. Talvez por essa espécie de miopia intelectual com que olhamos para a nossa história recente é que o Relvão foi chegando ao que chegou. Não era suficientemente antigo, nem suficientemente moderno. Esperemos que Garrett nunca venha a conhecer igual sorte.

2. Sinais do Romantismo em São Miguel

2.1. Da imprensa de opinião ao jornalismo literário Raposo de Almeida e os *Costumes Michaelenses*

Três anos depois das tropas de D. Pedro por aqui terem passado, apareceu na ilha de S. Miguel um sinal dos tempos modernos: a imprensa. O prelo em que, a partir de 1835, começa a ser impresso com regularidade o *Açoriano Oriental*, jornal editorialmente alinhado com as ideias liberais e setembristas, abre caminho ao estabelecimento de mais tipogra-

te a Primeira República e o Estado Novo, a ideia de um monumento à monarquia constitucional e ao Liberalismo foi metida no mais fundo da gaveta. Talvez agora, na Terceira República, esteja criada a distância suficiente para que a Câmara de Ponta Delgada e os cidadãos desta ilha possam, descomplexadamente, pagar essa sua dívida simbólica para com a memória do monarca e dos *bravos do Mindelo* que, aliás, compreendiam um significativo número de micalenses.

fias em Ponta Delgada e, de acordo com a própria lógica do confronto político, à publicação de outros títulos periódicos afectos à facção conservadora e cartista da sociedade micaelense. Será no quadro deste jornalismo de combate que se forja e desenvolve o sentido colectivo de cidadania local, como será também das suas fileiras que emergem alguns dos talentos literários da nova geração. Em finais de 1830, ainda estamos, contudo, um pouco distantes do chamado *jornalismo literário*, essa coutada do romantismo, cuja implantação em São Miguel só ocorrerá duas décadas mais tarde sob a influência directa de António Feliciano de Castilho, que aqui residiu entre 1847 e 1850¹³. Muito embora o antigo redactor da *Revista Universal Lisbonense* tenha deixado bem semeado este modelo de imprensa em Ponta Delgada, como sugere o aparecimento da *Revista dos Açores* dirigida por José de Torres em 1851¹⁴, será num jornal de Lisboa e logo no início da década de 1840 que se manifesta - em meu entender e salvo melhor opinião - o primeiro testemunho genuinamente romântico de um autor micaelense sobre a sua própria ilha.

Refiro-me a Francisco Manuel Raposo de Almeida e ao *O Mosaico*¹⁵, um filantrópico jornal de instrução e recreio cujo lucro se destinava às Casas de Asilo da Infância Desvalida, dirigido por José da Silva Mendes Leal. Aquilo que mais me interessa destacar da sua colaboração literária, iniciada em Janeiro de

¹³ A influência de Castilho deixou marcas profundas naquele que veio a ser o molde final do romantismo micaelense na viragem do segundo para o terceiro quartel do século XIX. Bastaria evocar o papel que desempenhou enquanto Redactor do periódico *Agricultor Michaelense*, ou o impulso dado à criação da Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes, para avaliar a verdadeira dimensão do seu magistério romântico na sociedade local. Veja-se, a este respeito, Aníbal Bicudo, *António Feliciano de Castilho. Consagrado apóstolo da Instrução Pública, quando imigrado na ilha de São Miguel promove a mais intensa campanha em prol das letras, das artes e da agricultura regional, 1847-1850*, Ponta Delgada, Tip. do Diário dos Açores, 1927.

¹⁴ A *Revista dos Açores* era uma semanário literário, com uma linha editorial de claro pendor historiográfico, dirigido e redigido por José de Torres. O periódico, publicado em Ponta Delgada pela Tipografia dos Amigos das Letras, conheceu duas séries: 1ª série (Janeiro 1851 a Janeiro 1853), 2ª série (Março 1853 a Março 1854).

¹⁵ Impresso em Lisboa, nos prelos da Imprensa Nacional, entre 1839 e 1841 num total de 105 números divididos em três volumes. A colaboração de Raposo de Almeida neste periódico circunscreveu-se apenas ao ano de 1840, mas acabou por se saldar num apreciável e variado número de textos publicados. Cf. José de Torres, (BPARPD) *Varietades Açorianas – Séria Manuscrita*, vol. V, fl. 90.

1840, é o conjunto de textos aí publicados sob a epígrafe "Costumes Michaelenses", todos eles admiravelmente ilustrados com estampas apenas possíveis de reproduzir na melhor casa litográfica da capital, a dos senhores Lopes e Manuel Luis, como o próprio Raposo de Almeida faz questão de realçar.



A procissão de São Sebastião em Ponta Delgada¹⁶

Esta feliz circunstância traduziu-se numa dupla representação, literária e iconográfica, das tradições populares micaelenses e da vida do povo no seu quotidiano rural, cujo pioneirismo e singularidade no quadro da construção oitocentista de identidades nos Açores me parece dever ser aqui convenientemente sublinhado¹⁷. Os breves quadros e romances históricos de Raposo de Almeida não são meros repositórios publicistas do *pitoresco* micaelense.

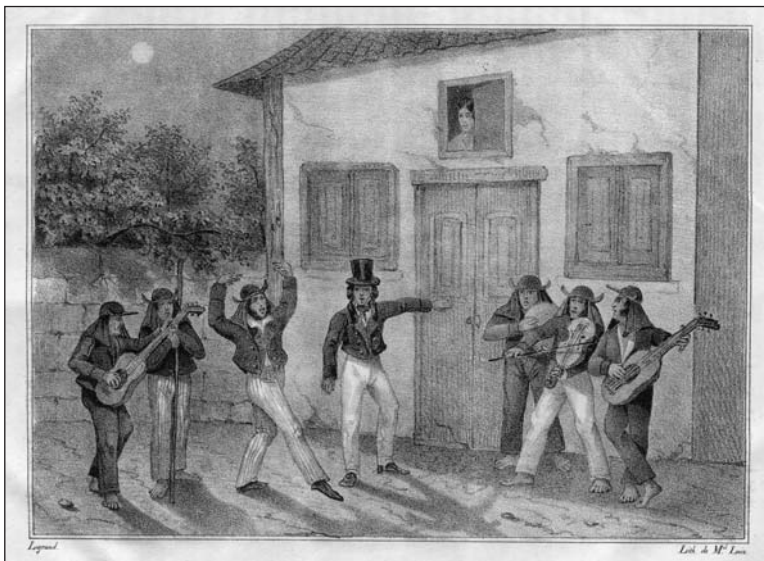
¹⁶ Esta estampa, gravada por Legrand e impressa na Litografia de Manuel Luis, aparece originalmente legendada como "*Costumes Michaelenses (Uma Procissão)*". Uma análise mais atenta da mesma, revela-nos uma imagem de São Sebastião, orago da freguesia e Igreja Matriz de Ponta Delgada, pelo que se torna fácil identificar e localizar com mais precisão o acontecimento retratado

¹⁷ Sobre este assunto, veja-se Rui Sousa Martins, "Os costumes populares e a construção oitocentista de identidades no arquipélago dos Açores", in *Patrimonia*, nº 5 (*Açores: Memória-Identidades-Políticas do Património*), 1999, pp. 35-44.

Os Romeiros de São Miguel¹⁸

Inscrevem-se numa estratégia caracteristicamente romântica de regeneração da Literatura nacional, que assentará na valorização, recolha e fixação das histórias contadas na linguagem do povo, conforme Garrett fez no *Romanceiro* que, como é sabido, recompilou durante a sua estadia de dois meses na cidade de Angra em 1832: "Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe, e uma mulata brasileira de minha irmã, apareceram sabendo vários Romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletos. Assim se aditou copiosamente o meu *Romanceiro*". Efectivamente, os Açores eram terreno pródigo para este tipo de recolhas e Raposo de Almeida, ele próprio filho de camponeses, com uma infância passada em Rabo de Peixe no ambiente vernáculo dos saberes populares, tinha perfeita consciência da latitude etnográfica que deveria assumir esse trabalho, cuja proposta deixa enunciada num curioso texto ensaístico intitulado *Archeologia Literária* e do qual não resisto a citar um excerto substancial:

¹⁸ O desenho desta estampa insere-se numa série de três gravuras que ilustram a publicação, nas páginas do *Mosaico*, de um romance histórico de Raposo de Almeida intitulado *O Monge da Caloura*.

Cantar os Reis¹⁹

"Os Rimances em verso lyrico maior, as Baladas, as Xácaras, e os Autos, que pelas festas do Espirito Santo costumam ainda celebrar os frugaes camponeses de varias povoações dos Açores (...) são treixos de poesia repassada de linguagem patria, varrida da urcella dos galicismos; são os santos, e as reliquias da Litteratura Nacional (...) Que nos cumpre fazer pois para salvar da tenebrosa noite dos tempos esses cantos celebrados por nossos Avôs, e recolhidos na memoria dos nossos Paes?... Procurai essas creaturas das aldeas que ignoram a sciencia da escriptura (e) inventariae-lhe essas cantigas romanticas, que em longa noite de inverno lhe recitam junto à lareira (...) Copiae tambem o espirito, ao menos, d'esses contos de fadas, e encantamentos, que, para illudir o somno, narram os anciãos já nas esgalhas de milho, já em noites de fiação"²⁰.

¹⁹ A representação iconográfica da tradição popular das Janeiras/Cantar os Reis, sob a epígrafe de "Costumes Michaelenses", ilustra um pequeno conto de Raposo de Almeida sobre o Feitor do Morgado da Vagem (ambos retratados na estampa) e a sua história de amor com uma camponesa da Ajuda da Bretanha.

²⁰ Cf. *O Mosaico*, vol. II, 1840, pp. 251-53.

Infelizmente, Raposo de Almeida não deu qualquer seguimento a este interessante programa e, porventura ocupado com os estudos de Direito que tinha vindo seguir em Coimbra, já não faz parte do elenco de colaboradores do *Mosaico* em 1841. Quatro anos passados está de volta à ilha natal onde, em 1845, é incumbido pela Câmara de Ponta Delgada de organizar o Arquivo Municipal, tarefa que prenuncia a sua futura e profícuca actividade de historiador no Brasil a partir de 1847 e da qual Walter Piazza já nos deu dois esclarecedores estudos bio-bibliográficos²¹. Antes de emigrar definitivamente para terras de Vera Cruz, onde viverá como “sedentário em movimento” ao sabor da sua *proletarização* intelectual, Raposo de Almeida ainda deixará escrito um opúsculo intitulado *Apontamentos de História Contemporânea. Ilha de São Miguel*²², que poderia ser caracterizado como uma crónica (redigida na perspectiva cartista) dos acontecimentos revolucionários ocorridos na sua pátria em 1846, ano da Maria da Fonte e da Patuleia. Tal como o seu protector, Almeida Garrett, o “Poeta Guedelha”, assim cognominado pelos colegas em Coimbra, desdobra-se entre a actividade literária e o envolvimento nos confrontos políticos da conturbada década de 40, que lhe valerão a prisão e desterro para a ilha da Madeira em 1844, onde prossegue a redacção daquela que o próprio autor considera ser a sua *opera prima* e que, romantismo *oblige*, versava inevitavelmente sobre Camões²³.

Estou em crer que a propensão de Raposo de Almeida para a polémica (recorde-se que, enquanto redactor responsável pelo *Açoriano Oriental*, em 1838-39, tinha sido alvo de um processo do Ministério Público pelo crime de abuso da liberdade de imprensa²⁴), bem como as incompatibilidades políticas que arranja em São Miguel, na sequência da publicação dos já referidos *Apontamentos de História Contemporânea* (onde, algo surpreen-

²¹ Cf. “Roteiro de um jornalista açoreano”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, vol. 13, 1955, pp. 1-25; e “Revisitando Raposo d’Almeida”, in *Arquipélago-História*, Ponta Delgada, 2ª série, vol. II, 1997, pp. 245-279.

²² Lisboa, Typografia Silva, 1846 (64 pp.). A obra saiu anónima e, segundo algumas observações dos irmãos Ernesto e Eugénio do Canto, foi redigida com bastante parcialidade política por Raposo de Almeida a mando do 1º Visconde da Praia, chefe dos Cartistas em São Miguel.

²³ Cf. Francisco Manoel Raposo d’Almeida, *Camões - drama original portuguez*, Rio de Janeiro, Typ. Clássica, 1851 (XXX+201 pp.)

²⁴ Cf. Manuel Ferreira, *Manuel António de Vasconcelos. O 1º jornalista micalense e o Açoriano Oriental*, Ponta Delgada, Ed. Impraçor, 1994, pp. 177-182.

dentemente, hostiliza a elite local Setembrista) determinaram a sua partida para o Brasil, em finais de 1846 e, mais do que isso, sentenciaram a morte prematura do seu esboçado projecto sobre os "Costumes Michaelenses" que, na linha das propostas de Garrett, configurava um discurso em que Literatura, História e Etnografia se entrelaçavam romanticamente nesse processo de redescoberta da *terra pátria* e das tradições do seu *povo*.

2.2. Entre alteridade e identidade - a ilha vista de dentro **As Viagens de Sena Freitas e José de Torres**

Dadas as suas características geográficas e sociais, as ilhas dos Açores geram em torno de si, no século XIX, uma abundante literatura de viagens que, nas suas múltiplas expressões e autorias, terá um papel decisivo na construção oitocentista da identidade e memória colectiva açoriana. Muito particularmente S. Miguel, onde a beleza paisagística se aliava à exuberância dos fenómenos vulcanológicos, é um dos lugares que pelo seu exotismo mais atrai a atenção dos viajantes e naturalistas estrangeiros.

Assim, será no quadro da voga romântica da literatura de viagens que nos surgem, sobretudo em inglês, as primeiras observações oitocentistas sobre a terra e as gentes da ilha, muitas das vezes minadas por inexactidões históricas e preconceitos culturais de que se ressentem os intelectuais e a elite local que lia essas obras, e aos quais é portanto colocado o desafio de produzirem o seu próprio discurso sobre aquilo que os rodeava.

A descoberta patrimonial dos monumentos históricos, tradições populares e riquezas naturais micalenses, esse olhar introspectivo que, a partir de 1840, alguns autores começam a lançar sobre os recantos e periferias da ilha que habitam, resulta, em parte, do seu confronto intelectual e territorial com aqueles que vindos de fora -como os Webster's, Boid's e Bullar's nas décadas de 20 e 30- se antecipam aos ilhéus na descrição da sua terra e gentes²⁵.

²⁵ Para uma panorâmica geral desta literatura de viagem oitocentista, veja-se a oportuna antologia organizada por João Emanuel Cabral Leite, *Estrangeiros nos Açores no século XIX*, Ponta Delgada, Ed. Signo, 1991.

Feito o diagnóstico, analisemos as reacções locais a essa literatura de viagens anglo-americana bem como as configurações patrióticas de que elas se revestem e reclamam. A primeira é empreendida por um homem que, não sendo estrangeiro, tinha fixado residência na ilha há muito pouco tempo e disso mesmo faz acto de contrição na dedicatória da sua obra ao Barão das Laranjeiras (dizendo): "nem me vanglorio de ter tocado todos os pontos com aquella precisão e desenvolvimento que talvez V Ex^a espere encontrar ao ler este meu trabalho, que, alem de apoucado e sem a plumagem da eloquencia descriptiva, é feito por pessoa que não nasceu na Ilha, nem permaneceu n'ella largos annos"²⁶.

Com efeito, Bernardino José de Senna Freitas tinha nascido na freguesia de São José da "Corte do Rio de Janeiro" e a sua vinda para S. Miguel com a família, ocorrida pouco antes de 1840, está relacionada com a tomada de posse do Morgado e Capela dos Lázaros em Água d'Alto, de que D. João VI tinha feito mercê a seu pai no Brasil. Estabelecida residência em Vila Franca do Campo, o Morgado Senna Freitas, como aí era conhecido, irá a banhos ao Vale das Furnas no verão de 1840 e dessa visita sairá a obra *Viagem ao Vale das Furnas na ilha de São Miguel*, publicada em 1845.

Os propósitos deste livro, nas palavras do próprio autor, são preencher um vazio na literatura historiográfica acerca do Vale das Furnas, oferecer uma alternativa às observações de viagem feitas por estrangeiros e, por último, incitar os micaelenses a conhecerem melhor a sua ilha. A valorização romântica daquilo que é nacional, o convite à redescoberta da *nossa terra*, por oposição ao fascínio pelos outros países, são ideias que atravessam recorrentemente as páginas introdutórias da obra de Senna Freitas, cujo modelo inspirador não terão sido *As Viagens* de Garrett, mas sim a *Viagem* (do coimbrão Forjaz de Sampaio) à *Serra da Lousã*²⁷, da qual cita o seguinte trecho: "o comum dos Portugueses é tão apaixonado pelas cousas estranhas (...) e tão indolente em ver e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranheza

²⁶ Cf. Bernardino José de Sena Freitas, *Uma Viagem ao Vale das Furnas na ilha de S. Miguel em Junho de 1840*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845, p. xiii.

²⁷ Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, *Uma Viagem à Serra da Louzã no mez de Julho de 1838*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1838.

ao ver alguns dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natureza, ou do artifício do homem, em que abunda Portugal"²⁸.

Exceptuando o título, dir-se-ia que a *Viagem* de Senna Freitas nada tem a ver com as de Almeida Garrett, mas há em ambas, independentemente dos seus diferentes registos narrativos e literários, um impulso comum pela descoberta das "curiosidades arqueológicas" e "costumes etnográficos" dos lugares descritos. Seria aliás difícil a Senna Freitas não ter presente os textos de Garrett, quer porque este último se encontrava então (década de 1840) no auge da sua maturidade e produção literária, quer porque ambos eram colaboradores regulares da *Revista Universal Lisbonense* onde, como é sabido, foi publicada em folhetos uma primeira versão das *Viagens na minha terra* antes da sua compilação definitiva na edição de 1846²⁹. Eis-nos perante duas obras coevas que, não obstante o título, estão longe de poderem ser consideradas como simples impressões de viagem e que, cada uma à sua maneira, resumem as duas principais formas de expressão - a Literatura e a História - do discurso romântico em Portugal.

Bernardino José de Senna Freitas é um intelectual que se "profissionaliza" claramente na produção historiográfica, compondo *Memórias* ao sabor das solicitações e *assignaturas* que lhe são feitas pelos cavalheiros ilustrados da ilha. Muito provavelmente, foi neste contexto que o Barão das Laranjeiras, proprietário de uma casa de veraneio no vale das Furnas e, ao que tudo indica, patrocinador da impressão da obra, encorajou Senna Freitas a redigir o trabalho aqui analisado. A encomenda não podia ter caído em melhores mãos, pois este autor era inquestionavelmente versado nas artes da heurística e da ciência histórica, como o provam os volumosos apêndices e notas documentais da *Viagem ao Vale das Furnas* (para não falar de muitas outras das suas obras repassadas de erudição) e o crédito de confiança que lhe testemunha a Academia das Ciências de Lisboa, ao incumbir este seu sócio provincial da vistoria e organização dos Arquivos Públicos açorianos na década de 1850³⁰.

²⁸ *Op. cit.*, pp. VI-VII.

²⁹ *Obras de J.B. de A. Garrett*, vols. VIII e IX (*Primeiro e Segundo das Viagens*), Lisboa, Typografia da Gazeta dos Tribunais, 1846.

³⁰ É eleito como associado provincial da 2ª Classe da Academia das Ciências a 28 de Julho de 1853. Da sua correspondência académica com José Joaquim da Costa Macedo,

Seja por afectada modéstia, ou porque se tratava de um título em voga, Senna Freitas designa de *viagem* aquilo que, no fundo, se propunha ser uma Memória Histórica do Vale das Furnas, o mais pitoresco e romântico lugar de São Miguel e ao qual um dos visitantes ingleses já havia chamado a "Arcádia dos Açores". Era tempo, dizia o erudito investigador ao Barão das Laranjeiras, de escrever a história desse vale prodigioso em português:

"(...) ninguém melhor do que V. Ex^a sabe o pouco que se tem escripto relativamente ao Valle das Furnas; parece ter havido entre os nossos uma disidia injustificavel, uma desestima indesculpavel, *uma falta de patriotismo*. D'entre os nacionaes, o que aparece escripto é deficiente, e se algum foi mais amplo e minucioso, não offerece o seu trabalho um corpo de noticias que forme, para assim dizer, a Historia do Valle das Furnas. (...) A maior parte dos estrangeiros que têm visitado o Valle das Furnas, guiando-se por informações oraes, e sendo rapidas as suas investigações, abundam seus escriptos em dicacidaes immerecidas, em frequentes inexactidões, e até em puerilidades; tisanando as suas paginas de ataques, ora aos Michaelenses, ora à Nação Portuguesa, com uma filaucia insupportavel"³¹

A escrita memorialista aparece, assim, associada a imperativos patrióticos que conferem à História um valor instrumental progressivamente importante nessa pedagogia romântica da nacionalidade. Deste modo, a historiografia começará aos poucos a impôr-se no espaço do romantismo português e o historiógrafo torna-se cada vez mais o intérprete intelectual privilegiado desse sentimento de redescoberta da *nação*, ou da pátria local. No caso das ilhas, conforme José Guilherme Reis Leite já colocou em evidência no seu estudo sobre Ferreira Drummond³², a

compreendida entre os anos de 1853 e 1857, transparecem claramente as dificuldades administrativas e institucionais em levar a cabo o projecto (um tanto ou quanto errático) de organização dos arquivos açorianos. Vd. Academia das Ciências de Lisboa, *Processos Académicos* (Freitas, Bernardino José de Sena).

³¹ *Viagem ao Vale...*, pp. vii-viii e xii (sublinhados meus).

³² Francisco Ferreira Drummond, *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Eclesiásticos para a História das nove Ilhas dos Açores*, (estudo introdutório de J.G. Reis Leite), Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1990, pp. I-XXIV.

emergência da historiografia oitocentista açoriana, descontadas as suas manifestações panfletárias durante o Vintismo, conhece um impulso decisivo no decurso das décadas de 1840-50, ao qual estão associados os nomes do Comendador Senna Freitas e também o de uma jovem promessa das letras micalenses, José de Torres que, com dezasseis anos de idade, em 1844, já havia lançado um alerta sobre esse esquecido Vale das Furnas nas páginas de um jornal de Ponta Delgada³³.

Entre estes dois autores, separados por quinze anos de diferença, mas unidos pela paixão da História, estabelecem-se inevitáveis relações de afinidade intelectual. José de Torres, o principal dinamizador da recém-criada Sociedade Escholastica Micaelense (1843-44), que reunia uma pequena roda de estudantes animados pelo propósito idealista de fazer renascer a história e as letras pátrias, convida Senna Freitas a colaborar no seu jornal (*O Philologo*) de efémera vida, mas radiosa aurora, e este retribui-lhe a atenção fazendo breve referência ao jovem literato micalense na introdução à sua *Viagem ao Vale das Furnas*. Mais tarde, em 1848, quase dois anos volvidos sobre a sua publicação, José de Torres assinará uma notícia bibliográfica respeitante à obra de Senna Freitas onde, após encomiásticas considerações acerca do primoroso acabamento gráfico do livro, acrescenta o seguinte:

“(...) Uma tal obra (...) devia suscitar a atenção do publico e, em particular, o reconhecimento dos Michaelenses, aos quaes de mais perto respeita e ennobrece, pela especialidade do seu sujeito. Porem (...) com culpabilissima incuria, não demos como deviamos, um testemunho publico, que a alto brado proclamasse (...) que gratos á solitudine com que *um estranho* veio curar e remediar o desarranjo e negligencia dos negocios da propria casa, não olvidavamos (...) gratificar assim os recebidos favores”³⁴

³³ Trata-se do quinzenário *O Philologo*, boletim da Sociedade Escolástica Michaelense, que começa a ser impresso a 1 de Janeiro de 1844. Muito embora só tenham sido publicados 12 números e o jornal não tenha ultrapassado os seis meses de vida, estamos perante o primeiro periódico micalense assumidamente dedicado à divulgação da memória histórica local, em cujo contexto se destacam as investigações sobre o Vale das Furnas e o Vale de Cabaços (Caloura).

³⁴ Cf. *Correio Michaelense*, Ponta Delgada, nº 76, 19 de Fevereiro 1848, p. 301

O parágrafo acabado de citar, apesar do tom gongórico que envolve o elogio a Senna Freitas, adquire um sentido ambivalente na passagem em que este é apelidado de *estranho*. Uma coisa se torna clara: o Comendador não tinha logrado obter, com a sua obra, carta de cidadania na ilha de S. Miguel. Outra, não menos certa, é que a elite local, penitenciando-se da desordem e negligência postas até então no estudo do seu "quintal", parecia dar sinais de despertar aos poucos para a necessidade de se introspeccionar. Efectivamente, na década de 1840 multiplicam-se os indícios dessa difusa inquietação pela busca das raízes que, contudo, demora a encontrar na ilha quem lhe sirva de intérprete. José de Torres, um jovem oriundo da pequena burguesia urbana cuja educação estivera a cargo de seu tio, Padre José Joaquim Borges³⁵, pároco da Fajã de Baixo, era sem dúvida aquele que melhor se perfilava para desempenhar esse protagonismo, cuja expressão mais notável serão as suas *Viagens no interior da Ilha de São Miguel*, publicadas em 1849³⁶.

Agora sim temos uma escrita de viagem em que a ilha é, finalmente, vista *de dentro*, pelos olhos de um jovem intelectual que já usa óculos aos vinte anos e que, de barco, burro ou bordão, empreende um trajecto solitário e romântico pelos concelhos orientais da Povoação e Nordeste em Setembro de 1848. Esquadrinhar os recantos da ilha em campanha ora alegre, ora sisuda, era de resto hábito corrente para José de Torres que já em anos anteriores tinha feito outras excursões à Caloura (1843) e às Caldeiras da Ribeira Grande (1845), publicando depois as suas impressões de viagem em jornais de Ponta Delgada³⁷ e Angra do Heroísmo³⁸. Leitor de Xavier de Maistre e das *Viagens* de Almeida Garrett, que cita em

³⁵ José Joaquim Borges (1801-1889) dirigia uma das principais escolas de primeiras letras de Ponta Delgada até 1842, data em que é colocado na Igreja de Nossa Senhora dos Anjos como pároco da Fajã de Baixo. Era tio materno e padrinho de José de Torres, sobre o qual exerceu significativo ascendente intelectual na sua infância. Foi membro da Loja maçónica *União Açoriana*.

³⁶ *Ensaios de José de Torres*, vol. I, *Viagens no interior da ilha de São Miguel*, Ponta Delgada, Typ. do Castilho, 1849 (94 pp.).

³⁷ Cf. "Uma visita à Recoleta no Vale da Piedade", in *O Philologo*, Ponta Delgada, nº3 (15 de Fevereiro 1844), pp. 25-28.

³⁸ Cf. "Setembro-1845 (Ilha de São Miguel)", in *O Angrense*, Angra do Heroísmo, nºs. 495-99 (2 a 30 de Abril de 1846).

epígrafe a um dos seus trabalhos, o jovem da Fajã de Baixo escreve todo "este corpo de viagensinhas" (como ele lhes chama) entre os dezasseis e os vinte e um anos de idade, o qual não tem obviamente nada de comum com o discurso de Senna Freitas, ao estilo memorialista da Academia, muito embora ambos partilhem uma mesma sensibilidade romântica pela observação atenta dos homens, paisagens e monumentos das terras percorridas.

Em boa verdade se diga, as *Viagens no interior da ilha de São Miguel* nem sequer podem ser consideradas, como a de Senna Freitas, uma obra historiográfica. Mas, por isso mesmo, por gostar da História sem querer fazer história, por escrever num registo intimista e sem ciência de permeio, é que José de Torres ilustra de forma bastante mais plástica essa diversidade de expressões que adquire o emergente discurso romântico em S. Miguel. Sem atrever-me a colocar-lhe um rótulo, devo porém esclarecer que, fazendo minhas as palavras de Garrett aos leitores das suas *Viagens*, esta obra homónima de José de Torres sem ser "uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Leipzig", também "não (era) das taes brochurinhas dos *boulevards* de Paris"³⁹.

Longe do brilhantismo e criatividade literária da obra de Garrett, o texto deste jovem intelectual micaelense ecoa de forma bem audível a influência que sobre ele exerceu a leitura das *Viagens na minha terra*, enquanto que, por outro lado, naquilo que tem de peregrinação aos lugares e arquivos da memória local, faz lembrar antecipadamente os *Apontamentos de viagem* que outro dos patriarcas do Romantismo português, Alexandre Herculano, viria a redigir em 1854⁴⁰. Se a isto acrescentarmos que as *Viagens no interior da ilha de São Miguel* são impressas na Tipografia de António Feliciano de Castilho e, porventura até, escritas sob o encorajamento do poeta cego (de quem José de Torres era um dos secretários em Ponta Delgada), temos completo o ramalhete que envolve uma das primeiras florações literárias e ideológicas do romantismo em S. Miguel.

³⁹ Cf. *Viagens na Minha Terra*, vol. I, Lisboa, 1846, p. 14.

⁴⁰ Vd. *Scenas de um ano da minha vida e Apontamentos de Viagem* (org. de Vitorino Nemésio), Lisboa, Liv. Bertrand, 1934.

Eis-nos chegados ao termo da viagem. Mas não sem que antes vos dê conta deste meu espanto: porque é que Raposo de Almeida, Sena Freitas e José de Torres, nunca foram surpreendidos nestes preparos românticos? Talvez porque as suas palavras sempre tenham sido tomadas, Garrett *dixit*, como “quaesquer d’essas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da Sciencia e do adiantamento da especie”⁴¹. Com vossa licença, permito-me discordar do imortal Garrett. É tempo de, com proveito da ciência e de nós próprios, fazermos uma viagem à vala comum dos *autores menores* que, efectivamente, jazem mortos na nossa memória.

⁴¹ Cf. *Viagens na Minha Terra*, 1846, p. 14.

